

FONTE : JB

CLASS. : SEIR 139

DATA : 20 4 85

PG. 4

Congresso elogia índio em seu dia e Leônidas critica

BRASÍLIA — O Executivo e o Legislativo deram mostras, ontem, Dia do Índio, de profundas divergências na questão do meio ambiente. Ganhador de prestigiado Prêmio Global 500, dado pela ONU a quem se destaca na luta pela defesa da natureza, o índio Davi Ianomâmi subiu à tribuna da Câmara para denunciar o descaso do governo para com os índios e a destruição de rios, florestas e bichos. Em troca, recebeu um elogio do vice-presidente do Senado, senador Ivan Saraival: "Ele é um símbolo de resistência, que trilha o mesmo caminho de Chico Mendes". Mas a menos de 50 metros dali, no auditório Nereu Ramos, da Câmara, o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, não poupava críticas ao líder indígena: "Ele está é fazendo charminho".

— Estou aqui para contar uma história: meus parentes estão morrendo. O governo tem que fazer alguma coisa. Urgente — disse Davi Ianomâmi, homenageado pelo Congresso numa sessão conjunta de Câmara e Senado que teve muito índio de verdade, mas pouco cacique político.

No mesmo instante, o ministro do Exército fazia uma palestra na Comissão de Relações Exteriores da Câmara.

— Tem cada vez mais garimpeiro invadindo nossa terra, em Roraima. O branco está destruindo nossos rios, desmatando nossas florestas, matando nossa caça e nossos peixes. Já tem três rios grandes (Urariquera, Macajai e Catrimani) estragados, poluídos, com os peixes mortos — denunciou Davi Ianomâmi, falando para um plenário ocupado por índios hamajurás pintados para festa, tjerenas, crenasques, caduel, pancararô, mas pouquíssimos parlamentares, dos quais o senador Severo Gomes e a deputada Moema São Tiago foram os oradores da sessão.

Davi Ianomâmi e pediu a retirada dos garimpeiros já. Davi estava com o rosto pintado de vermelho, o que para os ianomâmis é um sinal de alegria, mas é possível que o pintasse de preto, sinal de raiva, se ouvisse o que o general Leônidas Gonçalves pensa da retirada dos garimpeiros do território ianomâmi.

— É impossível tirar 40 mil pessoas de um lugar — dizia ele.

O ministro se dirigia aos repórteres, finda a palestra. E ignorava que pouco depois o presidente Sarney prometeria exatamente o contrário a Davi Ianomâmi, garantindo-lhe, numa audiência em que o recebeu com Macsuará Caduel e Jorge Terena, que prometeu enviar à área onde estão — e aí o número citado era mais alto — 50 mil garimpeiros, o próprio Exército do general Leônidas para retirar, com o auxílio da Polícia Federal, todos eles "em 30 ou 40 dias". Ao lado do presidente, seu chefe do Gabinete Militar, general Rubem Baima Denys, ajudava a dar informações sobre os índios ao presidente e concordava com tudo.

Na palestra recém-encerrada na Câmara, parte de um seminário sobre a Amazônia, o

Brasília — Fotos de José Varella



Davi fala a poucos e agrada



Leônidas critica "charminho"

ministro Pires Gonçalves acabara de dizer, entre outras coisas, que os índios brasileiros são "atores que usam calça jeans e relógios, além de possuírem filmadoras Panasonic". Em matéria de possuir, o ministro voltaria a atacar pouco depois com o mesmo verbo para dizer que o índio brasileiro não possui uma cultura respeitável. Na plateia, ouviam a opinião franca do ministro sobre o assunto parlamentares, embaixadores e técnicos da área de ecologia.

Os parlamentares presentes em sua grande maioria estavam lá apenas para aplaudir o ministro, como mostravam a toda hora. Como quando Leônidas disse que "dos 220 mil índios brasileiros, apenas cerca de 30 mil são selvagens", e acrescentou que "o resto são artistas de fantasia". A última crítica do general aos índios foi dizer que eles ocupam 10% do território nacional, o que dá cerca de 400 hectares a cada um, enquanto nos EUA cada índio tem direito a 20 hectares.